

Aqui jaz: ausências - Danielle Carcav

Informações para a imprensa
Claudio Rosado Torres
Amarelonegro@amarelonegro.com
21 2549-3950/ 21 9945-4362

A galeria **Amarelonegro Arte Contemporânea**, em Ipanema, inaugura, no dia 23 de novembro, terça-feira, às 19h, a instalação de **Danielle Carcav** intitulada **Aqui jaz: ausências**, com a curadoria e texto de **Fernanda Pequeno**. A instalação ficará exposta na galeria do dia 24 de novembro a 10 de dezembro e a entrada é franca.

Nascida em Natal, Danielle Carcav atualmente vive e trabalha no Rio de Janeiro. Extremamente atuante no cenário de arte atual, os trabalhos de Danielle Carcav remetem as suas origens e a lembranças da infância, que retornam com uma ambigüidade e força que as tornam relevantes em um contexto contemporâneo. Nesta instalação suas aquarelas são apresentadas aprisionadas em gaiolas, que também funcionam como relicários para essas memórias turvas e inexatas. Os trabalhos lidam com a construção da memória em instâncias subjetiva, cultural e geológica.

No dia da abertura às 20:30h acontecerá também a performance de **Luana Aguiar**, intitulada *Como se construir icebergs*.

Serviço:

Instalação: Aqui jaz: ausências

Artista: Danielle Carcav

Curadoria: Fernanda Pequeno

Local: Galeria Amarelonegro Arte Contemporânea

Endereço: Av. Visconde de Pirajá, 111, loja 02, Ipanema

Abertura: 23 de novembro às 19:00h com performance de Luana Aguiar às 20:30h

Exposição: 24 de novembro a 10 de dezembro de 2010.

Tel: 55 21 2549 3950

E-mail: amarelonegro@amarelonegro.com

Site: www.amarelonegro.com

Funcionamento: Segunda a Sexta, de 11 às 20h, Sábado, de 11 às 16h

TEXTO DA CURADORIA

AQUI JAZ: AUSÊNCIAS

“A memória é a gaveta dos guardados. (...) No meu andarilhar de pintor, fixo a imagem que se me apresenta no agora e retorno às coisas que adormeceram na memória, que devem estar escondidas no pátio da infância. (...) No andar do tempo, vão ficando as lembranças: os guardados vão se acomodando em nossas gavetas interiores”. (Iberê Camargo)

Em diferentes lugares do mundo há pessoas interessadas e empenhadas em colecionar pássaros. No Brasil, a prática é bastante difundida, tanto em pequenas, quanto em grandes cidades. Encarcerar essas aves em gaiolas pode parecer cruel e mesmo politicamente incorreto, pois tolher a sua liberdade, retirando-as de suas ações naturais de voar livremente, pode soar desumano. Entretanto, essa prisão se dá por amor ao bicho, pelo conhecimento de sua espécie, de suas características e peculiaridades, e também por admiração. O ímpeto colecionador, assim, se traduz pela tentativa de tomar posse dessa beleza, já que os pássaros são aprisionados para serem cuidados, olhados, passando, dessa forma, a serem alimentados e apreciados diariamente.

É nesse sentido que Danielle Carcav cultiva, em *Aqui jaz: ausências*, aquarelas dentro de gaiolas. Como um plantio que requer cuidado constante, os desenhos e pinturas sobre papel que habitam essas grades de madeira são conservados pela artista. O título, por sua vez, nos dá indícios de que a instalação trata do esquecimento como uma espécie de morte, bem como da organização de lembranças fragmentadas. Nesse sentido, não é à toa que os personagens das composições são anônimos, tendo suas expressões faciais indefinidas, diferentemente das imagens dos animais, que são claramente representados. Da mesma maneira, seu aspecto escorrido e lavado enfatiza o caráter onírico e a temática infantil – mas não pueril - que cria uma fricção interessante com a rusticidade da madeira.

A instalação que a artista expõe na Galeria Amarelongro Arte Contemporânea, portanto, aprisiona e perpetua recordações. Suas aquarelas – alimentadas por lembranças, sonhos e imaginação - ganham vida ao serem aprisionadas dentro de grades. Danielle Carcav entende, assim, a memória como um confinamento e as gaiolas, assim como as gavetas, como objetos que costumam encerrar coisas e mesmo relegá-las ao esquecimento. Entretanto, ambas também armazenam e protegem cartas, documentos e tantos outros objetos valiosos e de apreço. Dessa forma, o processo desencadeado pela artista, ao invés de tolher, dá vida a essas reminiscências, garantindo a sua existência e sobrevivência.

Nas palavras de Deleuze e Guattari: “A memória intervém pouco na arte. (...) É verdade que toda obra de arte é um *monumento*, mas o monumento não é aqui o que comemora um passado, é um bloco de sensações presentes que só devem a si mesmas sua própria conservação, e dão ao acontecimento o composto que o celebra. O ato do monumento não é a memória, mas a fabulação. Não se escreve com lembranças de infância, mas por blocos de infância, que são devires-criança do presente”(DELEUZE & GUATTARI, *O que é a filosofia?*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992)

Dessa forma, a artista não tenta reconstituir fielmente uma recordação – isso seria impossível – mas utiliza a sua capacidade fabulativa para rememorar lugares, pessoas, brincadeiras que ficaram para trás, perdidas em um passado distante. A operação de Danielle Carcav [sim porque se trata de um preciso cálculo poético] de mistificação e ficcionalização desse passado, assim, não visa perpetuá-lo em uma atmosfera de brumas, mas torná-lo presente, passível de ser sentido, palpável, experimentado através dos sentidos. Lembra-nos, assim, que essas reminiscências possuem cheiro, gosto e cor peculiares. Cor essa que muitas vezes enfatiza uma atmosfera psicológica pesada, repleta de aflições, medos e - por que não? – pesadelos infantis. Em nada inocentes, assim, essas aquarelas apresentam curiosa e interessante ambigüidade.

Da mesma forma, essas gaiolas - muito mais do que aprisionar ou encerrar – dão vida às lembranças: as árvores repletas desses objetos ocupam quintais e as aves, mesmo quando libertas, retornam para esses lares, ninhos que embora artificiais, são aconchegantes. Forma-se, assim, a imagem de um quintal conciliador de espaços imaginários que, por sua vez, guardam, mas não escondem, apenas zelam.

Sendo assim, a artista nos faz perceber que para cada tipo de pássaro, há uma gaiola específica e que uma estrutura grande e reforçada não necessariamente significa uma prisão mais árdua. Ao contrário, pode sugerir uma maior proteção, já que alguns pássaros se tornam grandes e é preciso espaço para que ele dê pequenos vôos, não se esquecendo do que é mover-se e sustentar-se no ar. Se viver ao ar livre - embora um desejo comum na infância - seja conflitante, é porque implica em correr, parar, cair, sorrir, chorar, viver, morrer, sentir fome ou medo, imaginar, se machucar. Talvez por isso nos trabalhos de Danielle Carcav as figuras infantis se confundam com bichos. Isso, entretanto, pode soar tão dúbio e assustador quanto habitar gaiolas, sejam elas reais ou imaginárias. Pois, no fim das contas, “viver é muito perigoso”, seja em que circunstância for.

Fernanda Pequeno, Novembro de 2010.